



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

MARCELLE CUIMAR MALCHER

**O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA DE ALUNOS SURDOS EM TRÊS ESCOLAS DE
COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DE MOJU - PA**

ABAETETUBA-PA
2017

MARCELLE CUIMAR MALCHER

**O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA DE ALUNOS SURDOS EM TRÊS ESCOLAS DE
COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DE MOJU - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à
Faculdade de Ciências da Linguagem- FACL, para
obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Letras:
Habilitação em Língua Portuguesa.

Professora Orientadora: M.a. Márcia Monteiro
Carvalho

ABAETETUBA-PA
2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

M242e Malcher, Marcelle Cuimar.
O ensino de leitura e escrita de alunos surdos em três escolas de
comunidades do município de Moju - PA / Marcelle Cuimar
Malcher. — 2019.
27 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. MSc. Márcia Monteiro Carvalho
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2019.

1. Inclusão. 2. Surdos. 3. Leitura. 4. Escrita. 5. Ensino. I.
Título.

CDD 410

O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA DE ALUNOS SURDOS EM TRÊS ESCOLAS DE COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DE MOJU - PA

Marcelle Cuimar Malcher (UFPA)¹
M.a. Márcia Monteiro Carvalho (UFPA)²

RESUMO: Este trabalho analisou as dificuldades que professores de 03 escolas públicas, em comunidades do município de Moju, enfrentaram no que diz respeito ao ensino da leitura e escrita a discentes surdos. Para isso foi realizada uma pesquisa de cunho quantitativo e qualitativo, no qual buscou-se compreender como o trabalho inclusivo está ocorrendo nessas escolas, a pesquisa se deu através de um questionário, com 13 perguntas, das quais somente 07 serão usadas para análise, aplicadas com os 05 professores de Língua portuguesa que trabalham com alunos surdos, em sala de multi séries. E para compor o embasamento teórico dialogamos com os principais autores Fernandes (2010), Quadros (2007), Aquino (2012) e outros. A educação de pessoas surdas vem ganhando espaços em diversas pesquisas da área da surdez, e têm apontado um longo caminho a ser percorrido, embora tenham avanços significativos na educação dessas pessoas por meio de leis que asseguram uma educação voltada especificamente para eles com profissionais especializados, e o reconhecimento da sua língua oficial como primeira língua. A partir da pesquisa de campo, construção e análises dos dados concluiu-se que a rede pública de ensino está passando por um processo de transformação no que se refere a inserção do aluno surdo, ainda que lentamente esse processo têm-se alargado, felizmente é possível identificar o esforço por parte dos professores, para que de fato esses alunos sejam incluídos.

Palavras-chave: Inclusão. Surdos. Leitura. Escrita. Ensino.

THE TEACHING OF READING AND WRITING OF DEAF STUDENTS IN THREE SCHOOLS OF COMMUNITIES OF THE MOJU MUNICIPALITY - PA

ABSTRACT: This study analyzed the difficulties that teachers from 03 public schools in communities of the municipality of Moju faced about the acquisition of reading and writing by deaf students. A quantitative and qualitative research was carried out to understand how

¹Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa da UFPA Campus de Abaetetuba- PA. E-mail: marcelle.malcher@gmail.com

² Professora Assistente UFPA/Abaetetuba. Doutoranda em Estudos da Tradução (UFSC-UFPA/2015- 2019). Mestra em Letras/Linguística-UFPA (2010- 2012). Especialista em Docência de Libras - FTED (2010). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura-FIBRA(2009). Intérprete de Libras-ASTILP (2008). E-mails: mmcarvalho@ufpa.br; marciacarvalho369@gmail.com.

inclusive work is taking place in these schools. The research was conducted through a questionnaire with 13 questions, of which only 07 will be used for analysis, applied with the 05 teachers of Portuguese Language who work with deaf students, in multi-room classrooms. To compose the theoretical basis, we dialogue with the main authors Fernandes (2010), Quadros (2007), Aquino (2012) and others. The education of deaf people has been gaining ground in several researches in deafness and have pointed a long way to go, although they have made significant advances in the education of these people through laws that ensure an education directed specifically to them with specialized professionals. And recognition of their official language as their first language. From the field research, construction and analysis of the data, it was concluded that the public-school system is undergoing a process of transformation regarding the inclusion of the deaf student, although slowly this process has been extended, fortunately it is Possible to identify the effort on the part of the teachers, to include these students.

Keywords: Inclusion. Deaf. Reading. Writing. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

Ler e escrever são os alvos primordiais do espaço escolar, há uma série de dificuldades encontradas por professores de língua materna em formar alunos que não sejam meros decodificadores, mas que se tornem alunos críticos e questionadores, que infira no texto a sua visão de mundo e alarguem as fronteiras do saber por meio das páginas dos livros. Essa não tem sido uma tarefa fácil de se cumprir com os alunos ouvintes o que dizer dos alunos surdos!

Ao iniciar o processo de ensino da leitura dos alunos ouvintes, surgem séries de dificuldades, mas quando se ensina alunos surdos essas dificuldades aumentam. Após observar uma aluna surda numa sala de multi série, em uma escola do interior, a curiosidade foi despertada ao ver que nenhuma atenção especial era dada aquela aluna. Ela ficava apenas observando sem compreender a maioria das coisas que estavam sendo apresentadas. Com os alunos ouvintes se comunicava por meio de gestos ou simplesmente apontava para o que estava falando, na expectativa de ser compreendida, pois não sabia muito da sua língua natural a Libras, a não ser a datilologia do seu nome. Os gestos que ela usava foram ensinados por sua família para ajudar na comunicação, após esse incidente me interessei sobre o assunto da surdez e as formas de ensino, mais precisamente a leitura, a essas pessoas que não contam

com o auxílio da audição para obter conhecimento de mundo, o que acabou resultando nessa pesquisa de conclusão de curso.

Esta pesquisa propõe avaliar a inclusão do aluno surdo em escolas do interior do município de Moju, e analisar quais os maiores desafios encontrado pelos professores de língua materna dessas escolas e como os alunos estão tendo acesso a leitura e a escrita, bem como a sua língua de sinais. Para fundamentar este trabalho foram utilizados os trabalhos dos seguintes autores Quadros (2006), Fernandes (2010), Solé (1998), Lacerda (1998) dentre outros.

Há muitos artigos que tratam do assunto, logo é fácil constatar que a maior dificuldade entre professor e aluno surdo é a falta, a dificuldade ou mesmo a ausência de comunicação entre eles, pois a maioria dos professores não sabe Libras, e para complicar a situação, a maioria dos alunos surdos, que residem na zona rural, não têm acesso a sua língua natural, a Libras. Alguns sabem somente gestualizar conforme foram ensinados por sua família. Aqueles que conhecem a Libras, a escola não disponibiliza, na maioria das vezes, o intérprete ou profissionais especializados na língua de sinais.

A princípio esse trabalho trará um breve resumo da educação de pessoas surdas ao longo do tempo, as práticas que foram empregadas no passado e as que atualmente estão sendo utilizadas, bem como trazer os avanços mais recentes referentes às leis que regulamentam a educação dos surdos e a sua língua natural, como o surdo se relaciona com a leitura e a escrita, e qual a importância da Libras no processo de ensino aprendizagem. Para a obtenção de dados, foi realizada uma pesquisa de cunho quantitativo e qualitativo, por meio de um questionário, com 13 perguntas das quais selecionamos somente 07 respostas para análise, com 05 professores de Língua portuguesa que trabalham com alunos surdos, em 03 escolas da rede pública de ensino do interior do município de Moju, em sala de multi séries. Para dar início será feito um breve tópico sobre Educação dos surdos e algumas concepções de ensino.

2 EDUCAÇÃO DO SURDO AO LONGO DO TEMPO

Desde a Antiguidade e por quase toda a Idade Média, as pessoas surdas eram vistas como alguém que não podia ser educada, não poderiam aprender. Somente a partir do século XVI que se inicia por meio de processos pedagógicos o ensino formal dos surdos; começaram a aparecer relatos de profissionais da educação que se propuseram a trabalhar com surdos. O enfoque principal era fazer o surdo se comunicar como um ouvinte, e para que isso fosse possível era necessário ensiná-los a falar e a compreender a língua falada. Além disso, as práticas trabalhadas pelos professores divergiam uma da outra, pois eles mantinham segredo de seus métodos e não costumavam trocar experiências já que não queriam dividir a conquista com ninguém, conforme Lacerda (1998, p. 1-2):

Entretanto, era freqüente na época manter em segredo o modo como se conduzia a educação dos surdos. Cada pedagogo trabalhava autonomamente e não era comum a troca de experiências. Heinicke, importante pedagogo alemão, professor de surdos, escreveu que seu método de educação não era conhecido por ninguém, exceto por seu filho. Alegava ter passado por tantas dificuldades que não pretendia dividir suas conquistas com ninguém (Sánchez 1990). Assim, torna-se difícil saber o que era feito naquela época; em consequência, muitos dos trabalhos desenvolvidos se perderam.

O Oralismo³ era prática comum para o ensino de surdos, a intenção principal era torná-los como as pessoas ouvintes, em outras palavras o único objetivo era o de oralisá-los; outra ferramenta comumente usada para se obter tal êxito, “os alfabetos digitais eram amplamente utilizados. Eles eram inventados pelos próprios professores, porque se argumentava que se o surdo não podia ouvir a língua falada, então ele podia lê-la com os olhos.” (LACERDA, 1998, p.2). Vale salientar, que esse ensino especializado e recursos só estavam disponíveis para pessoas que tinha condições para pagar, a maior parte da comunidade surda da época passava longe de qualquer tipo de educação formal. A partir desse momento (século XVI) começam a surgir propostas educacionais voltadas ao ensino de

³ Heinicke é considerado o seu fundador, e sua metodologia ficou popularmente conhecida como o “método alemão”, e ainda hoje essa metodologia tem defensores.

surdos e são iniciativas do que hoje se conhece por *oralismo* e *gestualismo*.

Segundo Lacerda (1998), a princípio, tanto os gestualistas quanto oralista defendiam sobre a vantagem de o sujeito surdo saber a língua majoritária que permeia a sociedade ouvinte, mas logo essa unanimidade começou a ser desfeita, pois ambos se desentenderam quanto ao método de ensino e, a partir do século XVIII, começaram a alargar a distinção entre os dois grupo; o primeiro grupo defendia que os surdos se tornassem ouvintes, que excedesse a surdez, e, para isso, impuseram a oralização como meio para obter o sucesso na educação e socialização dos surdos; O segundo grupo era mais compreensivo diante das dificuldades dos surdos em relação à língua falada e permitiram que os surdos desenvolvessem uma linguagem distinta da oral, mas que era eficaz para a comunicação e como isso possibilitava aos surdos, aberturas para o conhecimento da cultura.

O respeitável representante que criou o *Gestualismo* foi o Francês De L'Epée, o primeiro a estudar a língua de sinais utilizada por pessoas surdas e a desenvolver um método educacional partindo dessa língua gestual e, também, o primeiro a divulgar os seus trabalhos; foi o criador da primeira escola em que professores e alunos utilizavam os sinais⁴ metódicos desenvolvidos por ele. Considerava a língua gestual como algo intrínseco dos surdos e o meio mais favorável para desenvolver a comunicação Lacerda (1998).

Após o congresso em Milão, a linguagem gestual foi praticamente banida e o *Oralismo* foi o referencial adotado nas práticas educacionais. Conforme a autora: “Em 1880, foi realizado o II Congresso Internacional, em Milão, que trouxe uma completa mudança nos rumos da educação de surdos e, justamente por isso, ele é considerado um marco histórico”. (LACERDA, 1998; p. 4). Esse modelo oralista permaneceu sem questionamento algum por quase um século! Após infindáveis descontentamentos com os oralistas, as recorrentes pesquisas sobre língua de sinais apontavam novas propostas promissoras para o ensino de surdos. O trabalho de William Stokoe⁵ mostrou que as línguas de sinais eram verdadeiras línguas, e preenchiam grandes partes do que a linguística pensava ser apenas para as línguas

⁴ Esse método consistia em partir da linguagem visual/espacial e o acréscimo de alguns sinais que tornavam essa estrutura o mais próximo possível do francês.

⁵ Linguista americano, pioneiro nos estudos a respeito da línguas de sinais.

orais. Com isso, estudos sobre línguas de sinais foram se tornando cada vez mais estruturados e em concomitância com eles foram surgindo alternativas educacionais orientadas para uma educação bilíngue, na qual o aluno surdo teria acesso às duas línguas: a de sinais e a majoritária, no caso do Brasil o português. Para Lacerda (1998, p. 7) “O modelo de educação bilíngue contrapõe-se ao modelo oralista porque considera o canal visogestual de fundamental importância para a aquisição de linguagem da pessoa surda.”.

Por muito tempo se desprezou a língua gestual usada pelos surdos para se comunicar, o oralismo esteve presente na educação dos surdos durante muito tempo, e infelizmente ainda hoje há quem apoie essa metodologia, mas o bilinguismo surge como uma alternativa para que haja uma educação que realmente faça a diferença, que insira o surdo no âmbito social da sociedade e que a sua língua natural seja considerada a sua L1 e através dela obtenha conhecimento de mundo e maturação cognitiva é justamente sobre isso que será tratado a seguir.

2.1 Libras, surdez e o bilinguismo

A Libras, é a língua natural⁶ da comunidade surda brasileira, “na caracterização das línguas de sinais, o primeiro aspecto a considerar é que essas línguas utilizam a modalidade visuo-espacial, que se distingue da modalidade oral-auditiva, utilizada pelas línguas orais” (SALLES 2004, p.83). Quanto a sua regulamentação é relativamente recente, disposta na lei nº 10.436⁷, de 24 de Abril de 2002, em que a Libras “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão”. Garantindo a difusão da Libras para que haja comunicação objetiva; o atendimento especializado também é assegurado, na saúde e educação. Para isso criou-se o Decreto nº 5.626⁸, de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436, e o

⁶ As línguas naturais é a linguagem desenvolvida naturalmente pelo ser humano, e são adquiridas pelas crianças, de forma natural e inconsciente.

⁷ Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (parágrafo único).

⁸ Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage

art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Nessa língua as informações linguísticas são recebidas por meio dos olhos e produzidas com as mãos, podendo ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com esta comunidade. É composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerado instrumento linguístico de poder e força, “além disso, podemos encontrar nela outras características: a produtividade/criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e a arbitrariedade” (GESSER, 2009, p. 27). Possui todos elementos classificatórios identificáveis numa língua e demanda prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua. É uma língua viva e autônoma, reconhecida pela linguística...

A língua de sinais tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural. É necessário que nós, indivíduos de uma cultura oral, entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais. (GESSER, 2009, p. 21-22).

Apesar de ser uma língua visuo-espacial, também incorpora “sotaques”, assim como na língua oral. Em muitos pontos diverge da língua oral, não é uma sublíngua derivada da língua portuguesa, muito menos a forma sinalizada dessa língua, ela tem suas características peculiares e é através dessa língua silenciosa que a pessoa surda tem acesso ao conhecimento e pode se comunicar e se fazer “ouvido”, aceitar essa língua é aceitar as diferenças que envolve ouvintes e surdos. Ao considerar a surdez como uma diferença⁹, não uma “deficiência”, passa-se a ver o surdo não como um ser inferior em relação aos demais, mas essa diferença incide sobre a ênfase na ampliação de recursos próprios para interagir com o meio, inclusive por meio de uma língua que consinta ao surdo expressar-se. Neste sentido, é

com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

⁹Quando se fala em diferença, refere-se às diferenças culturais nos diversos grupos sociais existentes na sociedade.

preciso adotar a língua de sinais como um caminho essencial na educação do aluno surdo.

Ultimamente tem-se pensado em outro caminho, o do bilinguismo que “(...) entre tantas possíveis definições, pode ser considerado: o uso que as pessoas fazem de diferentes línguas (duas ou mais) em diferentes contextos sociais” Fernandes (2010, p. 28), nesses contextos as pessoas utilizam distintas línguas em situações variadas, e isso não significa uma ameaça à língua materna, mas sim uma ampliação do leque cognitivo de manifestações linguísticas. As experiências obtidas com educação bilíngue ainda são recentes, e essa implantação não é simples de se obter, porque demanda cuidados especiais como: formação de profissionais qualificados e várias instituições envolvidas.

Segundo Fernandes (2010, p. 30) “(...) os surdos privilegiam o visuoespacial e a língua de sinais apresenta essa característica (...)” O problema é que, o português sempre foi visto como a melhor língua, a língua oficial que deve ser imposta e ensinada em sala de aula portanto, superior às outras línguas presentes na comunidade brasileira, e a Libras é vista como uma língua secundária, inferior, ou apenas como um subsídio para ensinar o português ao aluno surdo como salienta Fernandes (2010, p.32):

[...] as propostas bilíngues estão estruturadas muito mais no sentido de garantir que o ensino de português mantenha-se como a língua de acesso ao conhecimento. A língua de sinais brasileira parece estar sendo admitida, mas o português mantém-se como a língua mais importante dos espaços escolares. [...] A língua de sinais, ao ser introduzida dentro dos espaços escolares, passa a ser coadjuvante no processo, enquanto o português mantém-se como o papel principal. As implicações disso no processo de ensinar-aprender caracterizam práticas de exclusão.

Para que a Libras receba o status que merece na educação de pessoas surdas é preciso, como observou Quadros (2010, p. 33), “mudanças na arquitetura, nos espaços, nas formas de interação, nas formações de professores bilíngues, de professores surdos e de intérpretes¹⁰ de língua de sinais”, e a língua e suas questões envolvem o seu reconhecimento em todos os

¹⁰ Recentemente Neiva de Aquino (2012) ao falar sobre a formação do Tradutor/Intérprete de Libras e português, salientou que “a formação de intérpretes de Libras tem sido emergencial no contexto de educação inclusiva” (p.15), vários cursos são ofertados para que haja mais profissionais especializados para trabalhar com o aluno surdo e possibilitar para que de fato haja a tão falada inclusão.

âmbitos seja ele social, cultural, político e linguísticos. Quando a criança tem a chance de ter contato com a sua língua natural o mais cedo possível, a escrita e a leitura, adquirem um outro significado social o que possibilitará um processo cognitivo muito mais significativo. Quadros (2006, p.10) observa que uma boa parcela dos professores buscam garantir uma educação:

[...] mais eficiente para o seu aluno surdo, atentando para o seu processo de aprendizagem. Além disso, eles buscam tornarem-se bons professores de língua portuguesa em uma perspectiva bilíngüe e querem saber como se ensina português como segunda língua para surdos [...].

Mas como salientou Leite (2005 apud Sherman e Phyllis Wilcox, 2005, p. 10-11) no prefácio no prefácio para a edição brasileira do livro *Aprender a Ver*, não é qualquer curso de Libras que pode garantir que o professor consiga atingir um processo de aprendizagem eficiente.

Não são cursos de trinta horas que vão satisfazer a necessidade. Para a educação de alunos surdos, precisamos de professores fluentes em Libras, precisamos urgentemente de professores surdos, e precisamos de professores bem formados, preparados para o ensino da gramática e dos usos sociolinguísticos de Libras, bem como para o ensino de Português como segunda língua para surdos. Tudo isso está implícito no decreto, mas não vai acontecer por si só, sem constante vigilância, e sem um investimento em pesquisas acadêmicas de apoio.

No livro *Atendimento Educacional Especializado*, que trata sobre as pessoas com Surdez, publicado pelo Ministério da Educação (2007, p. 21), a autora Mirlene Damázio tem plena consciência de que os professores precisam conhecer a língua de sinais mas não é somente isso, e comenta que:

As práticas pedagógicas constituem o maior problema na escolarização das pessoas com surdez. Torna-se urgente, repensar essas práticas para que os alunos com surdez, não acreditem que suas dificuldades para o domínio da leitura e da escrita são advindas dos limites que a surdez lhes impõe, mas principalmente pelas metodologias adotadas para ensiná-los.

A educação de pessoas surdas tem sido bastante discutida nos últimos anos, com a

aceitação do bilinguismo, mais valor é atribuído à língua de sinais e assim a aprendizagem tanto da leitura como da escrita passou a ter um papel diferente, antes imputado à língua oral, e isso tem ajudado a estabelecer uma nova identidade e autonomia da comunidade surda. Ultimamente se tem formulado diferentes metodologias pedagógicas em relação à educação de surdos, mas a sua maioria ao finalizar a educação básica não tem o domínio da leitura e da escrita, e esse abismo está diretamente ligado à uma série de fatores que permeiam o processo educativo do surdo por um longo período, mas a Libras pode começar a mudar esse paradigma que por tanto tempo deixou-os a margens de uma educação. No tópico seguinte vamos discorrer sobre o campo da leitura e sua importância.

3 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA EM PORTUGUÊS PARA OS SURDOS

A maioria dos alunos surdos vêm de famílias ouvintes, logo não participam das conversas em casa o que prejudica sua ampliação cognitiva de mundo, “é comum que as crianças surdas chegam à escola sem conhecimento da língua usada na escola e com muito pouco conhecimento de mundo” (PEREIRA, 2009, p. 26). É esse conhecimento prévio que ajuda os alunos a criar expectativa e hipóteses sobre o significado do texto não apenas em vocábulos isso auxilia na maturação cognitiva do indivíduo, por isso a importância de submeter o aluno surdo a textos e não a vocábulos isolados. Entende-se que um dos principais objetivos da escola é o de ensinar os alunos a aprender a ler e escrever, e é de se esperar que ao final do ciclo escolar, eles saibam ler e escrever de forma autônoma e satisfatória:

Espera-se que, no final dessa etapa, os alunos possam ler textos adequados para a sua idade de forma autônoma e utilizar os recursos ao seu alcance para referir as dificuldades da área- estabelecer inferências, conjeturas; [...] se espera que tenham preferências na leitura e que possam exprimir opiniões próprias sobre o que leram. (SOLÉ, 1998, p.34).

Mas essa, não tem sido uma tarefa fácil para o ensino de leitura e escrita para surdos. Como professores de Língua Portuguesa, temos a tarefa de “(...) promover nos alunos a

utilização de estratégias que lhes permitam interpretar e compreender autonomamente os textos escritos” (SOLÉ, 1998, p.17), mas essa responsabilidade não é exclusiva dos professores de Língua Portuguesa, já que em todas as matérias há a necessidade de leitura e interpretação, e não deve ser visto como algo próprio de um ciclo escolar, mas sim uma etapa que deve ser estendida ao longo de toda a escolaridade.

Mas o que é ler? “(...) a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que guiam sua leitura” (SOLÉ, 1998, p.22), quando lemos, temos um objetivo em mente que irá nos nortear a interpretação que fazemos de um texto irá depender, em grande parte, do objetivo que nos levou a ler.

Alliende e Condemarín (2005) tratam da importância da leitura: a leitura permite ao leitor liberdade, articulação de conteúdo, expansão da memória, estimula a produção de textos, determina processos de pensamento, e que ela será determinante no êxito ou fracasso escolar. Há um grande número de “analfabetos funcionais”, que não conseguem utilizar a leitura de forma autônoma; vale lembrar que a leitura não é decodificação de palavras, mas é preciso saber decodificá-las¹¹.

Adentrando agora na questão da compreensão da leitura por alunos surdos, segundo Pereira (2009, p. 22) “a maior parte deles chega à escola sem língua [...] com o início do processo de ensino da leitura e da escrita, conclui-se que, para a maioria das crianças surdas, aprender a ler e a escrever significa aprender uma língua”, logo a leitura tem um sentido a mais na educação dos surdos, já que “constitui uma etapa fundamental para a aprendizagem da escrita. (...) e o professor deve considerar, sempre que possível, a importância da língua de sinais como um instrumento no ensino do português” (SALLES, 2004, p. 21)¹².

Após esse breve apanhado sobre o significado e a relevância da leitura, tanto para o

¹¹ Decodificar “(...) pressupõe aprender as correspondências que existem entre os sons da linguagem e os signos ou os conjuntos de signos gráficos- as letras e conjuntos de letras- que os representam” (SOLÉ, 1998, p.52)

¹² No mesmo livro, a mesma autora fala que “a leitura é um ponto fundamental para a escrita; na verdade ela é o ponto basilar [...]o hábito de ler possibilita a internalização na mente das regras próprias da língua escrita; por outro, fornece informações do universo que circunda o homem, ampliando seu conhecimento” (SALLES, 2004, p. 45).

ouvinte quanto para o surdo, damos início à perspectiva da leitura e escrita destinada aos alunos surdos.

3.1 O surdo, a leitura e a escrita

Vários modelos de leitura foram desenvolvidos para alunos surdos, muitos deles baseados em perspectivas oralistas. Hoje quais as novas concepções de leitura destinadas aos alunos surdos e como elas podem possibilitar não somente a decodificação, mas também a compreensão da escrita? Muitos afirmam que os surdos são maus leitores, contudo, não significa que não possam aprender a dinâmica da leitura, pois eles não possuem dificuldades para decodificar símbolos gráficos, talvez o fato de não compreenderem o que leem seja porque não são alfabetizados e letrados de forma correta.

Como dito no tópico acima a leitura é o resultado de interações entre informações contidas no texto, que são as informações visuais e as inferências trazidas pelo leitor, que depende do seu conhecimento prévio de mundo, e assim se construir o sentido do texto lido, quanto mais o leitor sabe sobre o tema lido, mais seguras serão as suas afirmações e inferências. E isso não é diferente com o aluno surdo, mas devemos ter em mente que ele obtém seu conhecimento de mundo de modo distinto do ouvinte. Para ele a Língua de Sinais lhe confere condições necessárias básicas para o aprendizado mais proficiente.

A leitura tem várias funções, que vão desde uma leitura descontraída com o objetivo de apenas se divertir até aquelas que são bem mais elaboradas, e nesse processo estão inseridas o conhecimento de língua, gênero, tipos textuais e assunto. Frequentemente, autores da área da surdez, como Quadros (2006), Salles (2006), Lacerda (1998), abordam as dificuldades recorrentes no processo de aprendizagem de leitura por alunos surdos. Uma delas é o modo como a leitura é tratada em sala de aula, como uma mera codificação de palavras, em que o aluno ler um texto qualquer e ao final tem que responder algumas perguntas com informações que aparecem explicitamente do texto, e isso é tido como atividade de compreensão leitora, para Pereira (2009, p. 19):

A leitura, nesta perspectiva, se caracteriza como decifração de palavras. As informações estão no texto e cabe ao aluno a tarefa de decodificá-lo. Como refere Coracini (2002), o leitor seria o receptáculo de um saber contido no texto, unidade que é preciso capturar para construir o sentido.

Para o aluno surdo, uma dificuldade recorrente é a prática do português sinalizado, em que gestos são utilizados como correspondentes do léxico, acompanhando a estrutura sintática do português, sinalização de palavra por palavra, o que não proporciona uma compreensão do texto, pois ler não é somente decodificar palavras. Isso decorre dos dois equívocos: uma que é a visão reducionista da leitura em código, a outra é não considerar que a libras e o português como duas línguas distintas. Outra dificuldade que vem desde muito tempo, é que o trabalho com surdos não difere do adotado com alunos ouvintes. Ainda segundo Pereira (2009, p. 23-24): “Por muito tempo a escola ignorou as especificidades dos alunos surdos e insistiu em trabalhar com eles da mesma forma que com os ouvintes.”.

No livro “Estudos Surdos II”, Quadros e Perlin (2007, p. 106), no capítulo *Pedagogia Visual/Sinal na Educação dos Surdos*, é apresentado algumas considerações, trazendo como exemplo a dificuldade de um professor de ciências em explicar a o ciclo ovulatório da mulher, em uma turma de 7^a série, com a presença de alunos surdos. Após ouvir as dificuldades desse professor, uma professora surda com a ajuda de um intérprete faz considerações a respeito de como a semiótica imagética¹³ auxilia a compreensão do aluno surdo.

A Língua pela qual o surdo descobre o mundo é silenciosa, visual e espacial, portanto nada mais justo de que essa língua seja utilizada no processo de aquisição da leitura, é de grande valia que os textos sejam ricos em elementos gráficos, que fornecem pistas iniciais sobre o teor do texto e que favoreça a exploração do conhecimento prévio do aluno. Esses gráficos funcionam para eles como pistas dentro do texto, e ajudam o aluno surdo a trazer para o texto o seu conhecimento de mundo, explorar tema do cotidiano do aluno também auxilia nesse processo, tudo isso com auxílio da Libras. Conforme a autora a leitura deve ser

¹³ “é um estudo novo, um novo campo visual onde se insere a cultura surda, a imagem visual dos surdos, os olhares surdos, os recursos visuais e didáticos também”

um processo social:

Para todos, é importante que as atividades linguageiras sejam finalizadas socialmente, para adquirirem sentido, mas para os alunos surdos mais ainda: atividades como a gravação de histórias lidas em LIBRAS, pelos próprios alunos, para ajudar outros alunos surdos, a realização de peças teatrais gestuais, com base nos textos lidos, certamente seria um incentivo à atividade de leitura e os ajudaria a se interessar pela construção do sentido e não pela realização de uma tarefa escolar: marcar alternativas que permitirão um acerto aleatório razoável o suficiente para garantir que sua ausência de competência leitora seja descoberta. (CARVALHO 2012, p.90)

A linguagem é de grande importância como intermediária no intercâmbio e assimilação da cultura, fazendo do homem um ser sociocultural. Dependendo de como o professor idealiza a linguagem pode se tornar um aspecto proeminente no ensino de uma língua. Mais se a dificuldade do surdo se limita apenas ao não “conhecimento” de alguns vocábulos, como alguns professores defendem, bastaria que o aluno “decorasse” um conjunto de vocábulos, ou ainda tivesse consigo um dicionário, para que fosse capaz de falar, ler, entender e pensar nessa língua. E assim bastaria para o aluno surdo, memorizar o léxico do português e depois era só aplicar, por isso ao longo do tempo o português tem sido apresentado aos surdos como código, em que palavras são convertidas em sinais, mas ao final só teremos uma fala despojada de vida e de significado.

A escrita e leitura estão intimamente ligadas, para a leitura fazer sentido é necessário que ela esteja dentro de um contexto, os alunos surdos que estão sendo alfabetizados em uma L2 precisam ter condições suficientes para que o texto possa ser compreendido. Como já foi salientado o leitor ao ler tem em mente um objetivo que irá norteá-lo em sua leitura, com aluno surdo não pode ser diferente, ele precisa saber porquê e para que vai ler, é papel do professor aguçar a curiosidade do aluno:

No caso de histórias, por exemplo, pode-se parar a leitura em um ponto interessante e continuá-la somente em outro momento, deixando nos alunos a expectativa do que irá acontecer, permitindo que opinem sobre o desfecho da mesma e comparando posteriormente com o final escolhido pelo autor. [...] O professor precisa conversar na língua de sinais sobre o que a leitura estará tratando. Isso não necessariamente implica em ler o texto em sinais, mas sim conversar sobre o texto ou trazer o texto

dentro do contexto das atividades já em desenvolvimento na sala de aula. (QUADROS, 2006, p. 41.)

Há, pelo menos três tipos de processamento da leitura, que podem ser usados processo de aprendizagem da leitura e na construção da maturação cognitiva; o modelo ascendente, neste molde a leitura é baseada na construção do sentido tendo por base os elementos linguísticos formais, ou seja, é construído à medida que o leitor os decodifica, é também conhecido como um processamento que ocorre de baixo para cima, sua metodologia está centrada na decodificação da escrita, tem a sua importância na leitura, para isso é preciso conhecer as regras que regem a língua, esse modelo é limitado pois não consegue abranger todos os processos que envolvem o conhecimento prévio do leitor. O modelo descendente, se centraliza no leitor e o texto deixa de ser o centro das atenções, ao contrário do modelo anterior, este privilegia a interação do leitor com o texto, pois parte do conhecimento de mundo do leitor para só então chegar no texto escrito, o leitor nessa concepção tem um papel ativo no processamento da leitura, o que dar liberdade ao leitor de fazer inferências e deduções tendo por base o seu conhecimento prévio.

Por último temos o modelo interativo, que é uma junção dos outros dois modelos descritos acima, pois no ato da leitura, ele leva em conta tanto as interações ocorridas entre o texto e o leitor como do leitor com o texto, nessa proposta busca-se chegar a cognição por meio da contraposição, há um diálogo entre o leitor e o texto e virse versa para se chegar a um consenso, essa conversa entre o leitor e texto permite que haja uma maior interação e consequentemente uma melhor maturação cognitiva, pois é possível fazer a ligação entre o que já sabemos com aquilo que estamos lendo. Para que haja êxito na leitura no ambiente escolar é preciso que o professor estimule seus alunos, variando sempre que possível as atividades de leitura para que o aluno possa escolher qual estratégia de leitura facilita a sua compreensão leitora.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a construção dos dados foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo e

quantitativo em 03 escolas da rede pública de ensino localizadas em comunidades do município de Moju-Pa, com o intuito de verificar se nessas escolas havia alunos surdos e de que forma estava sendo feita a inclusão. Durante a pesquisa de campo foi produzido um questionário com 13 perguntas aplicada com 05 professores formados em pedagogia e que atuam em turmas de multi série, a fim de se conhecer o trabalho que está sendo realizado nessas escolas. Para a análise selecionamos um total de 07 perguntas, somente as que proporcionaram material significativo para o trabalho foram analisadas. Seguem abaixo os quadros com os dados e análise das informações obtidas, organizado em perguntas e suas respectivas respostas.

4.1 Análise dos dados:

Pergunta 2. Você tem algum conhecimento e/ou formação (Curso básico de Libras, oficinas, mini curso, licenciatura em Letras-Libras, Prolibras) na área de Língua de sinais?				
Informante “A”	Informante “B”	Informante “C”	Informante “D”	Informante “E”
Sim, que ocorreu na minha graduação, mas por ser a distância e só dois encontros por mês e as disciplinas eram estudadas rápidas, não houve uma aprendizagem efetiva.	Tive contato apenas com uma disciplina durante a minha graduação, mas no final do curso, obtive um professor lá da universidade que me auxiliou e doou alguns materiais.	No momento estou fazendo especialização (oficinas em Libras), mas antes disso, logo quando tive contato com esses alunos surdos não tinha contato nem conhecimento em Libras.	Sim, tenho minicursos, mas apenas o básico do básico.	Logo no início não tinha, mas agora possuo pós-graduação em educação especial

FONTE: **Quadro 1** - Pesquisa de campo - 2017

Todos os colaboradores da pesquisa já tiveram contato com a Libras, conforme podemos observar no quadro 1. Os cooperadores B, C e E logo que se deparam com o aluno surdo em sala de aula ainda não havia dito o contato com a língua de sinais o que os levou a irem em busca de ajuda e a preparar alguns materiais por conta própria, o informante C está

fazendo uma especialização enquanto que o E já possui uma pós graduação em educação especial, mas ainda assim, no quadro 2:

Pergunta 4. Quais as maiores dificuldades que você encontra no ensino da leitura e escrita para alunos surdos?				
Informante “A”	Informante “B”	Informante “C”	Informante “D”	Informante “E”
As maiores dificuldades são por ser uma classe multi ou seja do jardim ao 5º ano e por na mesma não haver professor cuidador capacitado para me auxiliar.	A falta de formação para trabalhar com tais alunos, não estamos prontos para trabalhar com eles, falta especializaçã adequada para sabermos como trabalhar com esses alunos. Um disciplina corrida no fim da graduação não adianta muita coisa.	Os alunos surdos não serem alfabetizados em Libras e a barreira da comunicação, pois como também não tenho conhecimento em Libras e não sou familiarizado com os gestos caseiros desses alunos, a nossa comunicação não era efetiva,	A falta de material (visual) adequado para trabalhar e de profissionais com formação. A Falta de comunicação é uma das maiores dificuldades, não ter domínio em Libras complica bastante, e ainda por cima os alunos surdos não sabem nada de Libras.	A Comunicação, pois não tinha curso na área e não sabia como lidar com a aluna surda e por isso ela acabava sendo excluída. Logo no início, quando me deparei com ela em sala de aula senti medo e insegurança, pois não tinha a mínima ideia de como trabalhar com ela.

FONTE: **Quadro 2** - Pesquisa de campo – 2017

Relatam as dificuldades que encontram no ensino da leitura e escrita para alunos surdos, e a principal é a barreira na comunicação, mas como isso ocorre se os professores já tiveram ou estão tendo o contato com a Libras? Não seria de se esperar que os mesmo estivessem preparados para trabalhar com esses alunos?

No livro *Aprender a Ver* de Sherman e Phyllis Wilcox (2005), na elaboração do prefácio para a edição brasileira o tradutor Tarcísio Leite é enfático em afirmar que não é qualquer curso de Libras que pode preparar o professor para lidar com o aluno surdo, e que algumas horas de uma disciplina no decorrer da graduação não podem satisfazer as necessidades para uma boa qualidade de ensino dos surdos, o Decreto nº 5.626 assegura a inclusão da Libras como matéria obrigatória na grade de disciplinas na formação dos professores, mas essa solução não tem sido muito satisfatória, pois, para que de fato haja o

aprendizado de uma língua demanda-se tempo bem como prática, e isso os professores não têm durante a graduação, pois a disciplina de Libras tem pouquíssima carga horária, portanto, não há tempo suficiente para se tornar proficiente na língua de sinais brasileira. Por mais que o Decreto tenha possibilitado o contato dos professores, em formação, com a Libras, essa não tem sido a solução para a barreira de comunicação presente na sala de aula entre o aluno surdo e o professor, ainda que o professor saiba da existência dessa língua silenciosa (Libras) ele não aprendeu, não é fluente em tal língua, logo não tem como ensinar seu aluno surdo utilizando-a.

Além dessa dificuldades outras foram apontadas: trabalhar com os alunos surdos inseridos em uma turma de multi série, a falta de profissionais em Libras, de material adequado para trabalhar em sala de aula, a falta de formação dos próprios professores entrevistados, a ausência do professor cuidador¹⁴ para dar suporte na sala de aula, os alunos surdos não saberem Libras. E isso resulta no que foi informado no quadro 3, que é a ausência de métodos específicos para se ensinar os surdos.

Pergunta 5. Quais os recursos e metodologias que você usa para ensinar a leitura e escrita para aluno surdo?				
Informante “A”	Informante “B”	Informante “C”	Informante “D”	Informante “E”
Nenhum!!	Pouquíssimos materiais! Pois não tinha acesso e nem a formação para usá-los com os surdos, tinha o alfabeto em Libras feito por mim e algumas experiências com os ouvintes para que pudessem sentir o que o surdo sentia.	Metodologia de ouvinte, mas fazendo algumas adaptações para os surdos, usava o alfabeto manual com a Libras e imagens. Não havia muito o que fazer, poucos recursos e métodos voltados especialmente para os alunos surdos.	Cartazes, gestos, muita articulação facial e gestual. Fazia tudo o que estava ao meu alcance. Aula expositiva e alguns gestos.	Trabalhava o concreto com ela, trazia de casa e pedia que os outros alunos também trouxesse, um pouco de Libras e português, me deparei com a aluna surda e tentei adaptar os métodos usados com os ouvintes para ela.

¹⁴ É o profissional designado para atuar em sala de aula quando necessário, ao educando com necessidades especiais, faz parte de uma ementa (8014/2010) que se acrescentou ao art. 58 da Lei nº 9.394.

--	--	--	--	--

FONTE: **Quadro 3** - Pesquisa de campo – 2017

O máximo que averiguamos no quadro 3 foi uma adaptação de métodos ouvintes e os materiais desenvolvidos especificamente para os alunos surdos eram praticamente inexistente, o informante B relatou que o trabalho feito era voltado para que os ouvintes pudessem sentir o que o aluno surdo sentia, o servia para causar um choque de realidade e não de aprendizagem de conteúdo. Já o colaborador C usava metodologia de ouvinte adaptada para as necessidades dos alunos surdos, segundo ele não havia muito o que ser feito pois não havia recursos e métodos de ensino adequados. O informante D fazia tudo o que estava ao seu alcance para que pudesse contribuir com os alunos surdos para desenvolverem a escrita e leitura para isso usou cartazes, gestos e articulação tanto facial quanto gestual, mas nada muito elaborado pois não dispunha de recursos, métodos e tempo, pois tinha outros alunos de séries diferentes para atender ao mesmo tempo, ainda assim, esse foi o profissional que mais se aproximou de uma mudança de paradigma.

Lacerda (1998) ao tratar a respeito da educação do surdo ao longo do tempo observa que ainda hoje temos resquícios do *Oralismo* na educação de pessoas surdas, recentemente Fernandes (2010) também observou isso, salientando ainda que a falta de metodologia é apenas um desses resquícios. No livro do *AEE* publicado pelo Ministério da Educação a autora Mirlene Damázio (2007) afirma que, as práticas pedagógicas constituem o maior problema na escolarização dos discente com surdez, o que torna de extrema urgência, repensar essas práticas para que o aluno consiga ter um ensino de qualidade. Por mais que se tenham avanços significativos na educação de discentes surdos há ainda muito o que ser melhorado, principalmente mudanças quanto às formas de se ver a pessoa surda e aceitação da sua língua em todos os âmbitos sociais (QUADROS, 2010).

Pergunta 7. Você acredita que os alunos surdos são capazes de aprender a ler e escrever da mesma forma que os alunos ouvintes? Justifique a sua resposta.				
Informante “A”	Informante “B”	Informante “C”	Informante “D”	Informante “E”

<p>Não, pois eles precisam de professor capacitado nessa área de ensino pois a aprendizagem ocorre de modo diferente dos alunos ouvintes.</p>	<p>Não da mesma forma, mas eles têm a mesma capacidade para aprender. A forma da escrita do português é diferente.</p>	<p>Capacidade de aprender eles tem, mais não da mesma forma que os ouvintes, pois eles não ouvem!</p>	<p>Sim que eles são capazes de acordo com a Libras. Diferem do ouvinte. E a família é de grande apoio nesse processo, mas infelizmente a maioria nunca sequer ouviu falar em Libras, principalmente aqui no interior.</p>	<p>Eu acredito que sim, apesar da dificuldade e da deficiência. Pena que muitos não têm acesso a Libras, mas isso também vai depender da prática usada e o empenho que é colocado.</p>
---	--	---	---	--

FONTE: **Quadro 4** - Pesquisa de campo – 2017

Um fato que se demonstrou bastante positivo é que, os professores que contribuíram para a construção dos dados da pesquisa, acreditam no potencial de seus alunos surdos, é o que podemos perceber no quadro 4, todos eles foram unânimes em admitir que os alunos surdos são capazes de aprender. Os professores A, B e C reconheceram que a aprendizagem ocorre de maneira diferente da dos ouvintes, além disso o professor B enfatizou que a escrita do português do aluno surdo é diferente, o único a fazer tal observação. Reconheceu que a família é importante, mas que infelizmente a maioria vive no interior e desconhece a Libras e por conta disso não podem auxiliar nessa tarefa. Já o informante E entende a surdez como uma deficiência que pode ser superada e a Libras é a prática a ser usada para vencer essa barreira imposta pela surdez, neste caso podemos perceber que para muitos a surdez ainda é vista como algo a ser superado é visto como uma deficiência e não como uma diferença. Ainda assim, é possível observar que os professores reconheceram a importância da Libras para o aluno surdo, mas a falta de conhecimento e tempo, os impedem de fazer um bom trabalho, Quadros (2006) faz uma observação muito pertinente ao escrever que a maioria dos professores querem garantir um ensino da língua portuguesa mais eficiente para o surdo, levando em conta que o seu processo de aprendizagem é diferenciado.

Pergunta 9. Como você avalia a sua prática docente no ensino dos alunos surdos? As práticas pedagógicas que você adota com os alunos surdos difere da dos alunos ouvintes?

Informante “A”	Informante “B”	Informante “C”	Informante “D”	Informante “E”
Por sempre só trabalhar com alunos ouvintes e nunca ter tido uma capacitação na área encontrei muitas dificuldades, não tinha nada voltado para a aluna surda.	Quando eu trabalhei não tinha o mesmo conhecimento que tenho hoje, até cheguei a lutar para colocar uma cuidadora para a aluna, mas a pessoa não sabia nada de Libras. Se não se tem uma formação adequada o seu desenvolvimento pedagógico não será relevante.	Algumas atividades são direcionadas a eles, mas a falta de comunicação impede que haja um melhor aprendizado e também eles não sabem Libras, apenas gestos, agora que estão entrando em contato, infelizmente tardiamente!	Não estou preparado para trabalhar com t alunos, e sozinho em uma sala de muti série não consigo desenvolver atividades significativas com os alunos, as metodologias são diferentes mas não suficientes.	A prática era diferente dos alunos ouvintes, e os ouvintes também participaram trazendo o concreto (pedras, objetos variados) para a sala de aula. Era bem cansativo, pois trabalhava em uma sala com multi série, aí o trabalho ficava dobrado.

FONTE: **Quadro 5** - Pesquisa de campo - 2017

No quadro 5 ao avaliarem as suas práticas docente com os alunos surdos o principal empecilho foi a falta de capacitação sobre o acesso à língua de sinais e a falta de comunicação que dificulta a prática. O informante B não tinha ideia de como agir quando se deparou com uma aluna surda inserida em uma turma de multi série. O seu primeiro impulso foi de conseguir uma cuidadora para “resolver o problema”, e acabou concluindo que, sem uma formação adequada não há como desenvolver um trabalho pedagógico relevante com os surdos. O informante D relatou que não se sente preparado para trabalhar com surdos e que a graduação não lhe proporcionou o conhecimento necessário, além do fato de trabalhar em uma sala de multi série sem auxílio de um cuidador. Nota-se que, mesmo com a criação de leis e decretos que amparam o aluno surdo, ainda há um longo caminho a ser percorrido, a maioria dos professores se dizem despreparados e ainda há vários mitos e visões errôneas em torno da Libras e do bilinguismo que precisam ser desfeitos.

Pergunta 11. Seus alunos surdos têm acesso à língua natural (Libras)? ou apenas sabem gesticular sinais caseiros-feitos em casa com familiares?

Informante “A”	Informante “B”	Informante “C”	Informante “D”	Informante “E”
Não, ela apenas sabe gestualizar os sinais caseiros feitos em casa com os seus familiares.	Não sabem, apenas gestualizar. Isso vai depender da família também, pois não adianta a criança aprender a Libras se ela não vai ter com quem usar.	Agora, a pouco mais de uma semana tiveram acesso de fato a Libras, mais o que eles sabem é gestualizar, sabem apenas o básico do básico de Libras.	Não tinham acesso, mas começaram a ter, esse acesso começou esse ano, mas a comunicação é feita essencialmente por gestos.	Na época era gestos caseiros, apenas o alfabeto manual era exposto, mais o aluno não sabia, foi preciso ensinar, não só a eles mas aos ouvintes também. O problema é que os pais e familiares em geral desses alunos não têm acesso a Libras.

FONTE: **Quadro 6** - Pesquisa de campo – 2017

Ao ser perguntado sobre o acesso dos alunos com surdez a Libras, todos os informantes responderam que eles não sabem praticamente nada dessa língua, no quadro 6 temos a triste realidade de muitos surdos que não tem acesso a língua por meio da qual podem obter o conhecimento. Uma grande parcela de crianças surdas tem pouquíssimas oportunidades de aprender precocemente a língua de sinais, por vezes essa aquisição é ocorre tardiamente. Pereira (2009) salienta que a maioria dos surdos, que têm pais ouvintes, chegam à escola sem o conhecimento de uma língua e pouco conhecimento de mundo, e que, ao aprender a ler e escrever estão aprendendo uma língua.

O informante B fez uma observação interessante ao afirmar que não adianta a criança aprender Libras se ela não vai ter com quem usar, pois seus familiares não sabem nada, surge então a importância da família em aprender a língua de sinais e incentivar o uso dentro da família servindo para fortalecer os laços afetivos, infelizmente a Libras é algo pouco conhecido da maioria da população ouvinte, ainda mais desconhecidas em comunidades localizadas longe de centros urbanos. Os informantes C e D relataram que seus alunos surdos começaram a ter esse ano contato com a língua de sinais, ainda que tardiamente, felizmente a essa escola chegou uma profissional em Libras para ajudar os alunos surdos a descobrirem a língua inerente a eles, pela qual eles podem se comunicar e obter conhecimento.

Pergunta 13. Como você acha que o ensino da escrita e da leitura dos alunos surdos pode ser melhorado?				
Informante “A”	Informante “B”	Informante “C”	Informante “D”	Informante “E”
O ensino para os alunos surdos só pode ser melhor quando os governantes olharem com outros olhos a educação e investirem na qualificação dos profissionais que trabalham na educação dos alunos surdos.	Esbarra na questão de formação; ter mais intérpretes nas escolas, professores especializados para trabalhar com tais alunos. Não tem como em uma sala de multi série o professor conseguir dar atenção a todos os alunos.	Com aquisição/oferta de materiais de multimídia, materiais didáticos, bem como especialistas em Libras, para que interpretasse as aulas para o aluno surdo. A maioria das escolas não tem material e nem profissional especializado. A falta de preparo é um dos grandes desafios. A falta de participação efetiva dos pais.	Melhorado com a presença do professor auxiliar, profissional e formado na área. Na minha opinião não tem que ser um cuidador, mais um professor formado na área para que de fato seja um ensino de qualidade.	Dar mais capacitação/formação aos professores. Até mesmo o material especializado não é disponibilizado, aí fica difícil ainda mais em uma turma multi série.

FONTE: **Quadro 7** - Pesquisa de campo – 2017

Após falarem acerca da realidade das escolas nas quais trabalham e das dificuldades por eles encontradas, no quadro 7 os professores deram a sua contribuição de como, na sua visão, o ensino da leitura e da escrita poderiam ser melhorado na educação dos surdos, ao que todos concordaram que é necessário ter mais qualificação e preparo para se trabalhar e de materiais adequados para serem usados em sala de aula. Expondo ainda que é preciso maiores investimentos na qualificação dos professores, ressaltando a importância do intérprete em Libras para que o mesmo possa interpretar as aulas, como fator importante no ensino de surdos.

Por várias vezes os informantes falaram a respeito do intérprete e como eles são indispensáveis na educação dos alunos surdos, com base em Aquino (2012) a formação de intérpretes de libras tem sido algo de caráter emergencial dado o contexto de educação inclusiva, que por meio do decreto 5.626/2005 prevê a formação desse profissional para que atue nas instituições de ensino, mas por conta da alta demanda, há falta desses profissionais

no mercado de trabalho o que gera a ausência nas escolas e também porque muitos não querem se deslocar para os interiores do município, pois preferem atuar na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os dados da pesquisa apontaram, por mais que existam as leis que assegurem uma educação de qualidade a todos os cidadãos brasileiros a realidade dos alunos surdos que estudam nessas três escolas, localizadas em comunidades do município de Moju, não reflete o que está previsto em Lei da Libras e no Decreto. Ao analisar os dados da pesquisa torna-se evidente que as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores dessas escolas em ensinar a escrita e a leitura é a falta de capacitação, recursos apropriados, formação precária, a falta do intérprete e estar trabalhando em uma turma multissérie além da dificuldade de comunicação. Nenhum método é desenvolvido especialmente para eles o que se têm é uma adaptação de métodos ouvinte o que acaba contribuindo para o fracasso escolar dos alunos surdos.

Todos os cooperadores da pesquisa, em algum momento da sua carreira acadêmica tiveram contato com a Libras, então por quê não conseguem trabalhar de maneira efetiva em sala de aula com os surdos? Por que mesmo após a Lei e Decreto a educação para os surdos ainda tem sido precária? Como já foi tratado no embasamento teórico deste trabalho, para que se aprenda uma língua é preciso prática e tempo, ninguém fica fluente em uma nova língua de uma hora pra outra. A disciplina de Libras durante a graduação não disponibiliza tempo necessário para se aprender a língua de sinais, além do mais, é preciso que ocorram mudanças significativas nos espaços de ensino, assim como o reconhecimento da libras em todos os espaços sociais como acontece com o português.

Muitas pessoas surdas vivem à margem de qualquer contato com a sua língua natural, a Libras, e uma boa parcela dos surdos que vivem no interior das cidades nem sequer sabem da existência de tal língua, outra questão é que a maioria dos pais de surdos não sabem dos direitos de seus filhos, e inconscientemente impedem que seus filhos tenham acesso à Libras

como mediadora principal desse processo. Ainda há resquícios do *oralismo* e muitos mitos em torno da educação dos surdos que impedem que eles tenham o seu lugar na sociedade, a pretensão de oralizá-los está presente, mas com uma nova roupagem de ensino, que apoiam o bilinguismo nas escolas mas, veem a Libras somente como um meio para que os surdos tenham acesso a Língua portuguesa, sendo assim, o português continua tendo seu status de melhor língua, e a língua de sinais se torna uma mera coadjuvante, tendo como objetivo ensinar o português ao surdo.

Para que de fato a inclusão ocorra, é preciso levar em conta as peculiaridades do aluno surdo, e pensar em estratégias de leitura e escrita que levem em conta essas particularidades que limitam o surdo de aprender da mesma forma que o ouvinte. Entendendo que a escrita também será diferente. A aprendizagem através da leitura poderá ser significativa para os alunos se estiver acompanhada da experiência visual, para isso, eles necessitam de livros, textos, atividades leitoras e de imagens que despertem neles essa capacidade. Eles necessitam encontrar sentido na leitura, transpor o significado de uma língua para a outra, e o professor esteja disposto a exercer o papel como mediador da aprendizagem.

Diante das dificuldades de ensino nas escolas de Moju-Pa sugerimos algumas propostas de ensino discutidas por Carvalho (2012, p.91) para que as escolas tomem algumas iniciativas de trabalho com surdos como: contratar professor de LIBRAS e instrutor surdo; incluir aulas de LIBRAS para alunos surdos; dispor de um currículo específico para alunos surdos, no qual horários específicos poderiam ser previsto em que os surdos teriam aulas de português voltada para suas necessidades, em paralelo com as aulas de português ministradas aos alunos ouvintes; dispor de sala de recursos, nas quais se teria material adaptado em LIBRAS para atender de maneira adequada o surdo matriculado. Essas são somente algumas sugestões de como melhorar o trabalho do professor e a aprendizagem dos surdos.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres (Org.). **Libras em estudo: tradução/interpretação**. São Paulo: FENEIS, 2012.
- ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BRASIL**. Congresso Nacional. Decreto nº 5.626. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1>. Acesso em: 10 de março de 2017.
- BRASIL**. Congresso Nacional. LEI Nº 10.436. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 10 de março de 2017.
- CARVALHO, Márcia M. **Avaliação da compreensão escrita de alunos surdos do ensino fundamental maior**. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de pós graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém.2012.
- DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado para Pessoas com Surdez**. Curitiba: Gráfica e Editora Cromos. SEESP / SEED / MEC Brasília/DF, 2007.
- FERNANDES, Eulália (Org.). **Surdez e Bilinguismo**. 3. Ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.
- GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- LACERDA, Cristina B.F. de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. 1998. Disponível em: <http://150.164.100.248/dialogosdeinclusao/data1/arquivos/LACERDA_Historia_Abordagens_Educacionais.pdf>. Acessado em: 16 de Setembro de 2016.
- LEITE, Tarcísio de Arantes. Prefácio. In: WILCOX, Sherman e Phyllis. **Aprender a Ver: O ensino da língua de sinais americana como segunda língua**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2005.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha (Org.). **Leitura, Escrita e Surdez**. 2. Ed. São Paulo : FDE, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de. **O 'BI' em bilinguismo na educação de surdos**. In FERNANDES, Eulália (org.). 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 33.

_____, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

_____, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima; [et al.] **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol. 1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SOLÉ. Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. Ed. Porto Alegre, Editora: ARTMED, 1998.